UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE SANTANA DO LIVRAMENTO
CURSO DE DESENVOLVIMENTO RURAL E GESTÃO AGROINDUSTRIAL

ELENICE FAGUNDES CARVALHO

MULHERES NA PECUÁRIA FAMILIAR:

Força para as lidas de campo, coragem para as lutas da vida

SANTANA DO LIVRAMENTO
2019

ELENICE FAGUNDES CARVALHO

MULHERES NA PECUÁRIA FAMILIAR:

Força para as lidas de campo, coragem para as lutas da vida

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Cassiane da Costa

SANTANA DO LIVRAMENTO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C331m Carvalho, Elenice Fagundes
Mulheres na pecuária familiar: força para as lidas de campo, coragem para as lutas da vida / Elenice Fagundes Carvalho. – Santana do Livramento, 2019.
61 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Unidade em Santana do Livramento, 2019.

Orientador: Profª Drª Cassiane da Costa.

1. Gênero. 2. Mulheres. 3. Pecuarista familiar. 4. Trabalho. 5. Pampa I. Costa, Cassiane da. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UERGS

ELENICE FAGUNDES CARVALHO

MULHERES NA PECUÁRIA FAMILIAR:
Força para as lidas de campo, coragem para as lutas da vida

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora Profª.Drª Cassiane daCosta
Aprovada em: 12 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Cassiane da Costa

Profª. Drª Cassiane da Costa – Orientadora
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Prof. Dr. Márcio Zamboni Neske
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Profª Msc. Carolina Vergara Rodrigues
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Riograndense- IFSul

Dedicado às mulheres pecuaristas familiares, especialmente a minha mãe, como forma de homenageá-las pelos seus esforços em manter o legado na pecuária familiar e sua importância para a identidade cultural das mulheres rurais do município.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Senhor, por ter me permitido chegar até aqui e estar concluindo mais esta etapa da vida.

Em segundo lugar agradeço ao governo do PT por ter proporcionado a oportunidade de cursar ensino superior sem precisar sair da minha cidade para frequentar a universidade.

A professora Cassiane da Costa com quem aprendi muito e ainda tenho aprendido, não apenas os conhecimentos acadêmicos, mas também em vários aspectos, por acreditar que eu tenho potencial para seguir em frente mesmo quando nem eu mesma acreditei, pelas cobranças e todo auxílio, por sua amizade e agora na reta final me ajudar a ver que dá tempo pra concluir e continuar acreditando, me esforçar e mudar pra melhor, um dia chego lá.

Agradeço a minha família, especialmente às minhas filhas que souberam me apoiar e também me encorajaram a concluir o curso, entenderam a minha ausência durante o horário em que estive fora e aprenderam a se cuidar.

Agradeço às colegas que me incentivaram a persistir especialmente Vânia, Aline, Ariele, Camila, Silvana, Suelen e demais colegas com quem convivi nos últimos quatro anos.

Enfim, agradeço a todos amigos e amigas que acreditaram e ficaram felizes por eu estar frequentando uma universidade e me incentivaram com seus exemplos e palavras de motivação.

Em especial minha amiga Diana Cecília (in memoriam) por sempre me encorajar a seguir aprendendo e buscando conhecimento. Sei que onde estiver ela está muito feliz por esta conquista.

Obrigado aos demais professores e funcionários da Uergs por sua dedicação e serviços prestados.

“O impossível existe até que alguém duvide dele e prove o contrário”

Albert Einstein

RESUMO

A pecuária familiar apesar de ser bastante presente na Pampa Brasileira é uma categoria que pouco se ouve falar. Ainda mais invisibilizadas são as mulheres nessa categoria social. Nesse contexto, essa pesquisa teve como objetivo geral mostrar as trajetórias de vida e de luta das mulheres na pecuária familiar. De forma específica, buscou descortinar suas identidades, pesquisar as características do trabalho feito por elas, e estudar os saberes tradicionais que guardam. Para tanto, entrevistamos cinco mulheres pecuaristas familiares de Santana do Livramento com auxílio de um roteiro de questões, também utilizamos fotografias. Em comum, elas têm o gosto pela vida no campo, pela pecuária e a resiliência para continuar diante das dificuldades. Essas mulheres exercem atividades no âmbito considerado produtivo e no âmbito considerado reprodutivo quando há ou não homens na propriedade. As mulheres na pecuária familiar também costumam ser guardiãs de saberes tradicionais relacionados ao conhecimento, cultivo e uso de plantas medicinais, utilização de benzimentos e simpatias para o cuidado das pessoas e dos animais. Entendemos que invisibilizar as mulheres e seus trabalhos, e pintar a pecuária familiar como masculina, quando também não é invisibilizada, é uma estratégia bem pensada para manter as relações de poder historicamente constituídas na Pampa Brasileira. A principal contribuição dessa pesquisa foi desconstruir a pecuária familiar como categoria masculina. A partir dos relatos de vida, de trabalho e de luta das mulheres nessa categoria social, mostramos que elas não podem ser invisibilizadas, pois são “sujeitas” importantes na construção da pecuária familiar no território.

Palavras-chave: Gênero. Mulheres. Pecuarista Familiar. Trabalho. Pampa.

ABSTRACT

Although the family livestock is very present in the Brazilian Pampa is a category that is rarely heard. Even more invisible are women in this social category. In this context, this research had as general objective to show the trajectories of life and struggle of women in family livestock. Specifically, it sought to discover their identities, to investigate the characteristics of their work, and to study the traditional knowledge they hold. To do so, we interviewed five women ranchers from Santana do Livramento with a questionnaire, we also used photographs. In common, they have the taste for country life, for livestock and resilience to continue facing their difficulties. These women carry out activities within the scope considered productive and in the scope considered reproductive when there are men and when there are not in the property. Women in family farming also tend to be guardians of traditional knowledge related to the recognition, cultivation and use of medicinal plants, use of blessings and sympathies for the care of people and animals. We understand that invisibilizing women and their jobs, and painting family livestock something specifically related to men, when it is not invisible, is a strategy well thought out to maintain the power relations historically constituted in the Brazilian Pampa. The main contribution of this research was to deconstruct family farming as a male category. From the reports of women's life, work and struggle in this social category, we show that they can’t be invisible, because they are important "subjects" in the construction of family livestock in the territory.

Key words: Gender. Women. Family Farmer. Work. Pampa.

SUMÁRIO

Sumário

1 INTRODUÇÃO 10

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA 13

2.1 QUESTÕES DE GÊNERO NO CAMPESINATO 13

2.2 QUESTÕES DE GÊNERO NA PECUÁRIA FAMILIAR 16

2.3 A INVISIBILIDADE DAS MULHERES NA PECUÁRIA FAMILIAR 18

3 METODOLOGIA 21

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO 22

4.1 IDENTIDADES E TRAJETÓRIAS DAS MULHERES NA PECUÁRIA FAMILIAR 23

4.1.1 Jacira Figueira Fagundes 23

4.1.2 Vanderlea Moura 26

4.1.3 Carmem Eloísa Carvalho Reppetto 29

4.1.4 Zoilamar Lucas Cezar 32

4.1.5 Clarisse Rodrigues Cardoso 34

4.2 TRABALHOS DE MULHER NA PECUÁRIA FAMILIAR 36

4.3 OS SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES 45

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 55

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 58

7 APÊNDICES 60

7.1 APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTÕES 60

7.2 APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 61

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa, realizada no município de Santana do Livramento/RS, aborda um tema que merece mais atenção de pesquisadores/as, o papel da mulher na pecuária familiar. Poucos trabalhos acadêmicos foram e têm sido desenvolvidos sobre este assunto, apesar de haver nesse município, e no território, inúmeras famílias que vivem no espaço rural e que são pecuaristas familiares. Esta categoria social marca a história dessa parte do Rio Grande do sul, especificamente a Fronteira Oeste. Para que um camponês seja identificado como pecuarista familiar é necessário observar a interligação entre o campo, o rebanho de gado e ovelhas e a família. Segundo Neske (2016) estes são os três pilares que sustentam a pecuária familiar.

Apesar de sua grande importância sozinha ou junto ao seu companheiro, para realizar as tarefas de campo, a mulher recebe pouco reconhecimento por seus feitos para a pecuária familiar. A mulher costuma ficar em segundo plano, é apenas reconhecida pelas suas habilidades ou a falta delas nos afazeres domésticos. Entretanto, o papel das mulheres é fundamental para a continuidade e fortalecimento desta categoria social. Mais do que força de trabalho e mão de obra na propriedade, elas são detentoras dos muitos saberes empíricos, no que diz respeito ao uso de plantas medicinais, os chamados jujos, também benzeduras e simpatias, que ainda permanecem vivos na memória e nas suas práticas. Assim, a pecuária familiar também é um modo de vida onde as mulheres tem um lugar fundamental.

> Ser pecuarista familiar está além da atividade econômica desenvolvida, tem que gostar observar, interagir e cuidar. Cuidar da terra, dos animais e do lugar onde se vive. O convívio diário com os animais é uma característica e também é motivo de orgulho e prazer. Esse modo de ser é também expresso pelas mulheres, mas a divisão do trabalho historicamente constituída ainda se impõe (MAZURANA et al, 2016).

Presentes de forma representativa no município, os pecuaristas familiares, muitas vezes ao longo da história, e ainda hoje, prestam serviços por algum tempo às estâncias, de forma a complementar sua renda. Os homens costumam trabalhar como peões e as mulheres como cozinheiras,

algumas também nas lidas campeiras. Com o pagamento recebido por esse trabalho, ou com doações de animais guachos, eles vão aumentando seus rebanhos bovinos e ovinos, se fortalecendo na pecuária familiar. Esse trabalho de cuidar dos guachos, que também é invisibilizado, costuma ser desenvolvido pelas mulheres. “Pecuaristas familiares que trabalham nas estâncias ou prestam serviços são, em geral, detentores e detentoras de vários saberes” (MAZURANA, 2016, p. 85).

Os trabalhos realizados pelas mulheres pecuaristas familiares na propriedade quando não é totalmente invisibilizado, costuma ser percebido como “ajuda”. Porém, ao analisarmos melhor, podemos perceber que esse trabalho é vital para que harmoniosamente seja mantido a regularidade e o funcionamento do estabelecimento. Por exemplo, em muitos casos, as mulheres assumem sozinhas o trabalho na propriedade, com ou sem ajuda eventual externa, em outros, as mulheres participam ativamente de todas as tarefas de campo junto aos homens, além de somar as atividades de cuidado da casa, de filhos e de enfermos. Em outras situações ainda, enquanto o homem sai para o campo cuidar dos afazeres, a mulher desempenha a função de alimentar os animais da propriedade, como porcos, galinhas e guachos. Também os cuidados com o cercado, horta típica da região, costumam ser de sua responsabilidade.

Considerando estas questões, essa pesquisa pretende mostrar as trajetórias de vida e de luta das mulheres na pecuária familiar. De forma específica, busca-se descortinar suas identidades, pesquisar as características do trabalho feito por elas, e estudar os saberes tradicionais que guardam.

O interesse pelo tema de pesquisa vem da minha trajetória na pecuária familiar e da admiração a minha mãe, pecuarista familiar. Algumas experiências que tive enquanto era solteira e vivia com meus pais na campanha me ajudaram a refletir sobre o papel da mulher na pecuária familiar e quais são as suas reações diante aos desafios. Em certa ocasião, estávamos sozinhas em casa, eu e minha mãe, quando percebemos que uma de nossas vacas estava engasgada com uma laranja. Certamente, sozinha eu não saberia como resolver aquele problema. Paciente e de forma experiente, minha mãe rezava

enquanto eu massageava e apertava o pescoço da vaca. Conseguimos salvá-la.

São inúmeras as experiências que, como essa, tive a oportunidade de ter participado com minha mãe. Elas me levaram a ter essa intenção de estudar e mostrar as trajetórias de vida e de luta das mulheres na pecuária familiar. Posso citar as caçadas de tatu realizadas à noite por nós duas, a tarde em que matamos juntas uma cobra cruzeira que atacou nosso cachorro. Essas memórias me aproximam da pesquisa e me incentivam a estudar sobre essas mulheres. A pecuária familiar, e principalmente as pecuaristas familiares, são invisibilizadas na Pampa Brasileira, e isso precisa mudar.

Este trabalho é composto por quatro Itens, iniciando por essa introdução. O segundo item é a revisão da bibliografia que se divide em 3 subitens e abordam questões de gênero no campesinato, questões de gênero na pecuária familiar e a invisibilidade das mulheres na pecuária familiar. O terceiro Item traz uma breve apresentação da metodologia adotada para buscar as informações da realidade do tema abordado. O quarto Item apresenta os resultados da pesquisa. No primeiro subitem, trata-se das características das entrevistadas e suas trajetórias de coragem em várias etapas da vida. No segundo, apresentam-se todos os trabalhos realizados por essas mulheres. Já o terceiro dedica-se aos saberes tradicionais das mulheres. Ao final, trazemos considerações embasadas nos resultados desse estudo.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesse item iremos apresentar aos leitores alguns conceitos e algumas considerações sobre temas que trabalhamos no decorrer da monografia. Iniciamos com abordagens de gênero no campesinato. Na sequência, tratamos sobre questões de gênero na pecuária familiar. Por último, tratamos das especificidades das mulheres nessa categoria social.

2.1 QUESTÕES DE GÊNERO NO CAMPESINATO

O campesinato é trabalhado nessa monografia como um modo de vida, no sentido de Moura (1988, p.69).

> Ora, o conceito de camponês tem um peso que transcende a materialidade econômica da troca de mercadorias e sugere imediatamente características de sua organização social, tais como o trabalho familiar, os costumes de herança, a tradição religiosa e as formas de comportamento político. Se por um lado essas características são recortadas dialeticamente por outras provindas da classe dominante, ou mais difusamente, do conjunto da sociedade, essa conceituação permite penetrar abertamente no espaço das superestruturas, da cultura, do modo de vida.

Nesse modo de vida, as questões de gênero têm papel de destaque e precisam ser estudadas. Podemos entender melhor a sua importância a partir da constatação de Costa e Marin (2018) de que o campesinato é uma categoria social que reproduz diversas formas de dominação masculina. Essa dominação masculina, conforme Bourdieu (2002) remete à dominação simbólica que foi construída e vem sido reproduzida ao longo do tempo com base na ideia de que homens são dominantes e mulheres são submissas.

Já gênero é uma categoria analítica e histórica que se refere a imagens construídas pela sociedade em relação ao masculino e ao feminino, de forma relacionada (SAFFIOTI, 2004). Essas construções não são estáticas, mudam ao longo do tempo. No horizonte, buscamos construir a equidade de gênero, onde mulheres e homens tenham direitos iguais, entretanto no campesinato, assim como em outros campos sociais, a realidade é de desigualdade e de dominação masculina.

O trabalho realizado pelas mulheres no campesinato é visto muitas vezes como ajuda, sendo invisibilizado. As mulheres mais jovens sofrem com essa dominação quando solteiras pelos seus pais e depois que se casam passam a ser subordinadas aos maridos. Essa dominação também causa influencia na forma como outros homens passam a agir reproduzindo essa mesma forma de ser e pensar.

A separação entre “atividades femininas e masculinas” pode ser notada desde bem cedo, na infância, quando as brincadeiras e os primeiros brinquedos são sugestivos quanto aos deveres futuros de cada um de acordo com o sexo (COSTA, 2018). Especialmente no meio rural, as meninas tem como seus primeiros brinquedos bonecas e panelinhas. Aos meninos, costuma ser dados carrinhos, gadinho de osso e desde muito pequenos suas pilchas e arreios para montaria. Esse costume é tão comum que se tornou automático, normal, e mesmo entre as novas famílias que estão se formando no campo ainda é assim.

Com relação aos serviços realizados na casa ou no seu entorno, especialmente os domésticos, estes geralmente são realizados pelas mulheres, pois culturalmente foi instituído que cuidar da casa, dos filhos, dos enfermos e preparar comida são percebidos como trabalhos da mulher camponesa (COSTA, 2018). A produção para o consumo da família também ganhou esse atributo, acontecendo ao redor da casa, como continuidade dos serviços domésticos de mulher. Conforme Tedeschi (2004) são atribuições das mulheres o cuidado dos filhos e de familiares, guardando assim as famílias e as tradições. É difícil notar essa participação mais ativa por parte dos homens, pois não lhes foi cobrado, e de certa forma devido ao machismo que está enraizado para muitos homens, justificam que “não fica bem” para eles estarem desempenhando esse trabalho considerado “coisa de mulher”.

Segundo Paulilo (2004), há uma distinção entre trabalho “pesado”, feito por homens e trabalho “leve”, se for realizado por mulheres, independente de quão exaustivo, desgastante ou prejudicial à saúde seja para a mulher. A autora usa exemplo sobre cuidar e cultivar uma horta e criar galinhas ser considerado com trabalho doméstico, mesmo que eventualmente ela venha a vender parte da produção e essas tarefas serem somente atribuídas às

mulheres. Quando ela trabalha no campo ou na roça com o marido, este trabalho é considerado produtivo. Porém para as estatísticas, o homem aparece como responsável pela renda da família, mulher e filhos aparecem como membros não remunerados da família.

Dessa forma, conforme Paulilo (2016) foi construído no campesinato a ideia de que cabe às mulheres a realização de atividades percebidas como do âmbito reprodutivo. Já aos homens cabem as atividades percebidas como produtivas, que geram dinheiro. Assim como as mulheres, as atividades reprodutivas costumam ser desvalorizadas. Entretanto as camponesas realizam essas atividades de forma combinada às atividades geradoras de renda. Precisamos avançar no sentido de alcançar uma divisão justa de trabalhos entre mulheres e homens, também no âmbito doméstico.

Como diz Brumer (2004), culturalmente, a mulher é destinada a desempenhar determinadas atividades produtivas e reprodutivas e a conformar-se com a tradicional distribuição de poder e de acesso à terra, permanecendo em uma posição subordinada no ambiente familiar. Em função das desigualdades vivenciadas no ambiente familiar da agricultura, uma parcela considerável de mulheres inseridas na atividade, geralmente mais jovens, opta pela migração às cidades, já que no rural são poucas as perspectivas profissionais. Isto contribuiu, ao longo do tempo, para a invisibilidade socioeconômica da mulher atuante no rural, especialmente, aquelas que estão inseridas em atividades rurais de cunho familiar (BRUMER, 2004).

Uma das marcas mais cruéis da dominação masculina no campesinato é a violência contra as mulheres. Conforme Costa, Camargo e Narvaz (2018), muitas camponesas de Santana de Livramento, assim como de outros municípios brasileiros, sofrem caladas diferentes formas de violência praticadas pelos companheiros, como violência psicológica, patrimonial, física, sexual, etc. Muitas mulheres persistem nessa situação de sofrimento por falta de apoio de familiares, do Estado e da sociedade em geral. Conforme mostrado em entrevistas realizadas com camponesas por Costa, Camargo e Narvaz (2018), a mulher camponesa muitas vezes é culpabilizada pela violência que sofre e

cobrada por familiares e pela sociedade em geral a manter relações de abuso em nome de manter unida a família e o casamento.

Diante de tantas dificuldades, as mulheres do campo se organizaram de forma coletiva, iniciando uma forte luta por seus direitos. Conforme Schaff (2001), as mulheres camponesas do Rio Grande do Sul foram pioneiras na conquista de direitos para as trabalhadoras rurais de todo o país, como o reconhecimento da condição de trabalhadora do campo em contraposição ao status “do lar”, o direito à aposentadoria rural aos 55 anos e a licença maternidade remunerada.

A desigualdade de gênero também se manifesta no contexto da pecuária familiar, como veremos no próximo subitem.

2.2 QUESTÕES DE GÊNERO NA PECUÁRIA FAMILIAR

A pecuária familiar remete a um modo de vida próprio, que tem elementos do gauchismo bastantes presentes. “Desse modo, para compreender a pecuária familiar deve-se conceber o pecuarista familiar como um ator social diferenciado étnica e culturalmente” (NESKE, 2016, p 12). Nesse contexto da Pampa Brasileira, a pecuária familiar também tem desigualdades de gênero, como outros grupos camponeses. Antes de tratar sobre essas questões de gênero, atentaremos para a caracterização da pecuária familiar.

De acordo com Ribeiro (2009), a expressão pecuarista familiar foi criada para denominar um grupo invisibilizado de camponeses que viviam entre grandes propriedades. Conforme Castro (2016, p. 13-14) os pecuaristas familiares em Santana do Livramento caracterizam-se.

> Pela propriedade dos meios de produção, pela realização do trabalho no estabelecimento, pela produção de bovinos e ovinos para consumo e comercialização, bem como pela relação com a natureza e com a cultura do gauchismo. Em relação a forte relação com a natureza, as famílias de pecuaristas familiares costumam trabalhar com a pecuária de corte em campo nativo, bovinocultura e ovinocultura, com baixos níveis de mecanização e de utilização de insumos externos à propriedade. Na forma tradicional de produção, o manejo dos animais costuma ser feito com a utilização de cavalos. O solo do campo nativo somente é revolvido para o cultivo de pastagens, prática que não é realizada em todos os estabelecimentos.

Na pecuária familiar a agricultura de subsistência é importante. Assim como produzem bovinos e ovinos para a comercialização, os/as pecuaristas familiares também o fazem para o consumo da família. Junto à produção animal, que por vezes envolve suínos costumeiramente criados soltos e aves, soma-se a produção vegetal feita no cercado. O cercado é feito de materiais encontrados na propriedade, geralmente bambus. Ele é artesanalmente feito para impedir a entrada de animais em uma área próximo à casa. Nessa área são produzidas espécies vegetais em policultivo, destinadas à alimentação própria. Costuma-se produzir plantas de baraço, como abóbora e batata doce, milho verde, mandioca, feijão miúdo, couve, tempero verde, plantas medicinais, espécies frutíferas e ornamentais. “Esta pecuária associada ao policultivo é mantida através de gerações e pressupõe um conjunto de conhecimentos e modos de saber tradicionais que são essenciais para a reprodução deste modo de vida” (MAZURANA et al, 2016, p.72).

A pecuária familiar parece ser um espaço à primeira vista hostil às mulheres. Nessa categoria social a população está bastante masculinizada e envelhecida (CASTRO, 2016). Esses processos originados a partir do intenso êxodo rural de jovens, principalmente de moças, diminuiu consideravelmente o número de mulheres na pecuária familiar nas últimas décadas. Talvez isso seja o resultado da desigualdade de gênero existente nessa realidade somada a questões estruturais, como a dificuldade de acessar a terra.

Entretanto, muitas vezes costuma-se invisibilizar as mulheres e os trabalhos realizados por elas nessa categoria, o que é um grande erro. As mulheres exercem um papel importante na pecuária familiar enquanto modo de vida, trabalho e relação de proximidade com a natureza.

No próximo subitem atentaremos para as mulheres na pecuária familiar. Aqui trataremos um pouco sobre os homens e as masculinidades nessa categoria.

Conforme Costa (2014) a identidade masculina, ou masculinidade, no contexto de pecuaristas familiares solteirões de Alegrete remetia a elementos como o desejo de liberdade, o gosto pelo trabalho campeiro e pela vida no campo, o gauchismo, o apego à família, e o sentimento de solidão e a proximidade com a natureza. No caso da liberdade, os homens diziam que

queriam se manter sem patrão no trabalho e sem patroa (sem companheira). Assim, uma relação estável era vista por eles como ameaça a tão valorizada liberdade.

Já em recente pesquisa realizada com homens pecuaristas familiares em Santana do Livramento, Castro (2018) constata que a masculinidade deles tem como base a pecuária familiar. Os elementos gosto pela vida no campo, pelo trabalho no manejo do gado e pelo gauchismo novamente são recorrentes. Embora não consiga dar a devida atenção para as relações de gênero nesse estudo, Castro observa a partir da fala de um dos entrevistados, Márcio, que a tomada de decisões em conjunto sobre a propriedade e a companhia da esposa é muito importante para o pecuarista familiar. Entretanto, em relação à divisão do trabalho, ele diz que “dá uma mão para ela” no serviço doméstico e ela o “ajuda” nos trabalhos com o gado. Assim, o homem considera que o serviço doméstico é “coisa de mulher” e que o manejo do gado vacum é “coisa de homem” na pecuária familiar, podendo haver “ajudas”. Será que isso se dá realmente dessa forma?

2.3 A INVISIBILIDADE DAS MULHERES NA PECUÁRIA FAMILIAR

Podemos perceber que ao longo dos tempos a mulher tem se destacado em vários setores produtivos da sociedade. Na pecuária familiar não é diferente, embora ainda na Pampa Brasileira, mais especificamente aqui na fronteira Brasil/Uruguai, é muito forte o patriarcado. Contudo, e apesar disso, a presença da mulher não acontece apenas dentro do lar e com as tarefas domésticas, mas elas também desenvolvem papel importante nas lidas e desafios do campo. Referindo-se ao contexto da pecuária familiar no RS, Costa (2018) entende que

> A divisão clássica do trabalho nessa realidade atribui ao homem as tarefas de manejo do gado e do controle das atividades agropecuárias voltadas à comercialização, enquanto que a mulher são destinadas as tarefas de limpeza da casa, de produção e elaboração de alimentos e artesanatos, bem como o cuidado das crianças, idosos e enfermos. Muitas vezes a mulher também atua nos trabalhos entendidos como “produtivos”, além dos trabalhos do “âmbito reprodutivo”, embora seu trabalho seja, costumeiramente, “invisibilizado” (COSTA, 2018, p 27).

Mesmo as mulheres participando junto com o homem das lidas do campo, essas tarefas sempre serão caracterizadas como masculinas, invisibilizadas ou percebidas como ajudas ao homem. No entanto, os afazeres conhecidos como domésticos sempre são atribuídos às mulheres, cabendo aos homens da casa no máximo a “ajuda”. Essa invisibilidade da mulher e do trabalho desenvolvido por ela no âmbito considerado produtivo pode ser observada como reflexo da desvalorização dos trabalhos realizados por elas e a própria desvalorização das mulheres nessa realidade.

A invisibilidade da mulher na pecuária familiar também atravessa a pesquisa. Prova disso é que somente encontramos uma pesquisa sobre as mulheres na pecuária familiar. Esse foi o estudo em nível de mestrado desenvolvido por Langbecker em 2016 no contexto de Caçapava do Sul com o objetivo de conhecer e compreender a situação das mulheres nas atividades de trabalho na pecuária familiar. Nessa oportunidade, foram entrevistadas quinze mulheres participantes do Plano Brasil sem Miséria.

No estudo de Langbecker (2016), as próprias mulheres não se reconheciam como pecuaristas familiares, sendo que apenas duas se identificaram como tal. Isso porque a pecuária seria serviço de homem. Dessa forma, a maioria das pecuaristas familiares colabora com a reprodução da sua invisibilidade. Já as atividades domésticas não são classificadas como trabalho por elas, mas um dever da mulher perante a família. “Ainda, destaca-se que a permanência em definir os sexos do trabalho na pecuária familiar, pode ser compreendida como a materialização da subjetividade das relações da dominação masculina” (LANGBECKER, 2016, p.155).

Langbecker constata que a realidade das mulheres inseridas na pecuária familiar é pouco discutida já que essa categoria foi culturalmente construída como masculina. Concordamos com essa afirmação e ressaltamos a necessidade de desconstruir o caráter masculino da pecuária familiar.

As mulheres são invisibilizadas na pecuária familiar, assim como a própria pecuária familiar é invisibilizada no território Pampa Brasileiro de forma intencional e histórica. Essa é a forma encontrada por quem detém o poder no âmbito de classe e de gênero para manter as relações de dominação. Quando falamos de dominação, estamos falando da dominação masculina e da

dominação do agronegócio sobre o campesinato. A ideia de sociologia das ausências de Boaventura de Souza Santos (2002) nos dá base para compreender melhor essa questão.

3 METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo do trabalho, usamos como principal ferramenta a entrevista. Entrevistamos cinco mulheres pecuaristas familiares de Santana do Livramento. As entrevistas foram realizadas com auxílio de roteiro de questões (APÊNDICE A). De forma complementar, foram utilizadas fotografias dessas mulheres. Cada entrevistada assinou um termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B) onde autorizaram a gravação da entrevista para posterior transcrição. Também autorizaram a divulgação de seus nomes verdadeiros e das fotografias na monografia e em publicações futuras decorrentes dessa pesquisa.

A pesquisa de campo aconteceu entre os meses de julho de 2018 e junho de 2019, nas localidades denominadas Passo das Pedras, Florentina e Caneleira. As mulheres foram escolhidas com base nos seguintes critérios: mulheres que são pecuaristas familiares em diferentes localidades do município, mulheres que a autora já conhecia previamente (entendemos que esse aspecto facilita a obtenção de informações), mulheres adultas e idosas que já tem uma longa trajetória de vida na pecuária familiar).

Foram realizadas perguntas sobre as categorias de análise infância, juventude, namoro, casamento, saberes tradicionais, trabalho, gênero, aspirações futuras. Após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas e sistematizadas nessas categorias para a redação da monografia. As fotografias foram utilizadas para enriquecer os resultados da pesquisa, mostrando as faces, os trabalhos, os saberes e as lutas das mulheres na pecuária familiar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho procura desconstruir o senso comum de que na pecuária familiar apenas exista a figura do “homem do campo”, aquele que sai para o campo e que faz o manejo do gado. Apesar dessa ideia que se propaga e se conhece como sendo a história do gaúcho, existe também a mulher gaúcha, que poeticamente vem representada na figura da prenda, linda e delicada, dedicada aos afazeres domésticos e subordinada ao marido. Entretanto, existem outras gaúchas, entre elas a gaúcha que usa bota e bombacha, sai para o campo, laça, vacina e banha o gado, tosquia as ovelhas e participa da marcação. Mesmo com tudo isso, ela consegue manter em dia “os serviços de casa”, e ao redor dela, como o cuidado do cercado e da criação de galinhas, enquanto mantém o cuidado dos filhos. Através de seu saber referente às plantas medicinais e também a sua fé nas benzeduras, mantém em dia saúde da família e, através de simpatias, torna-se capaz de curar pessoas e animais.

As mulheres entrevistadas pertencem a uma faixa etária entre 35 e 80 anos. Todas as entrevistadas nasceram e se criaram na campanha, e participaram ativamente em várias etapas de suas vidas das lidas do campo (atividades de manejo do gado). Duas delas estiveram um tempo morando na cidade por questões de estudo e trabalho. Todas elas são ou foram casadas e são mães. Em comum, elas mostram amor pela terra, animais e natureza, e o cuidado com o bem-estar de sua família e dos animais. Nenhuma das entrevistadas tem interesse de deixar a vida na campanha. Através dessas entrevistas, foi possível traçar um perfil de quem são, como vivem e quais suas contribuições para vida na pecuária familiar e no mundo rural.

4.1 IDENTIDADES E TRAJETÓRIAS DAS MULHERES NA PECUÁRIA FAMILIAR

4.1.1 Jacira Figueira Fagundes

Imagem 01 – Apresentação de Jacira. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Dou início aos resultados do trabalho através da trajetória de vida de minha mãe. Filha de pecuaristas familiares, Jacira nasceu e foi criada no Passo das Pedras, interior de Santana do Livramento, com seu pai, mãe, irmãos e irmãs. Eram seis filhos ao todo, três meninos e três meninas. Ela teve uma infância boa, brincava bastante com suas irmãs de boneca. Aliás, menciona ter brincado até os 15 anos de boneca com suas irmãs. Ela conta que certa vez foram para a cidade e que os porcos acabaram a coleção de bonecas de pano que elas mesmas haviam confeccionado.

Na infância também recorda que, enquanto seus pais cultivavam um cercado perto da casa e seus irmãos mais velhos estudavam, ela ficava cuidando da irmã mais nova. Também ficava cuidando o fogo e as panelas para o almoço. Quando estava na hora de temperar a canjica, a mãe gritava lá no

cercado avisando. Assim, aos 11 anos já fazia comida. Ela recorda que o fogão era um fogo de chão no meio da casa, a panela ficava pendurada com um arame atado na cumeeira da casa. Pela volta do fogo ficavam as chaleiras.

Jacira não estudou na escola. Ela aprendeu a ler e escrever com sua irmã que passava tudo que aprendia na escola para as demais.

> Era difícil de estudar. Tinha anos que a escola não tinha professor. A mamãe não me deixou estudar porque eu fiquei doente. Eu sofria com convulsões, desmaiava, a mãe tinha medo que isso acontecesse comigo na escola. Eu tinha por volta de dez anos. O pai e a mãe me levaram pra cidade num centro espírita, foi ali que me curaram.

Jacira nasceu no ano de 1938. Ela conta rindo um fato marcante em sua vida, a primeira vez que ela viu um carro. Foi quando ela foi com sua mãe e seus irmãos, a convite de um tio, conhecer um acampamento cigano que estava ali perto. Ela tinha oito anos na época, e o carro era um V8 azul. “Credo que medo, eu chorava e me agarrei na saia da minha mãe” (Jacira).

Era costume dessa época os jovens se combinarem e fazerem baile surpresa na casa uns dos outros. Ia toda a família, passando de casa em casa levando para o baile surpresa. Traziam bolacha e vela, açúcar, gaita, pandeiro violão. Os donos da casa preparavam um café numa panela bem grande para todos. “Quando a gente ouvia a gaita roncando lá na porteira, já sabia que era o baile surpresa, e a gente tirava as cadeiras pro pátio e a mãe já dava jeito de por o café pra passar num panelão” (Jacira).

A mãe gostava de passear nos domingos pelos parentes, nem sempre o pai acompanhava esses passeios por serem vários filhos e poucos cavalos. Seu pai faleceu quando ela tinha 17 anos e então ela e as irmãs assumiram o trabalho que antes era feito por ele na casa enquanto seus irmãos trabalhavam fora. Juntamente com a mãe, elas realizavam trabalhos como cortar lenha, ordenhar as vacas, “barrear” a casa, que era feita de barro e capim, vacinar o gado, curar bicheiras, levar pra banhar, esquilar e carnear ovelhas.

Jacira casou-se com 29 anos. Seu marido tinha 40. “Quando casamos ele trabalhava de peão e eu ia com ele morar nas estâncias. Eu lavava roupas e cozinhava. Teu pai me ajudava. Ele era bom pra vocês, até as fraldas lavava quando eu não podia” (Jacira). Observamos que ela reproduz a ideia dominante onde vive de que lavar fralda é serviço de mulher.

O casamento dura cinquenta e dois anos. Juntos eles tem cinco filhos, doze netos e oito bisnetos. Quando Jacira tinha quarenta e dois anos, ela veio morar na cidade, para que os filhos pudessem estudar. Somente pode retornar a morar no campo aos cinquenta e cinco anos, quando se aposentou por ter o livro de produtora rural.

Durante o tempo que viveu na cidade, Jacira trabalhou como empregada doméstica para complementar a renda da família. Seu marido continuou no campo, pois sempre trabalhou como peão de estância. Ele vinha ver sua família a cada final de mês, quando recebia e trazia algum dinheiro para pagar o aluguel e alguma outra despesa.

Algumas décadas se passaram. Jacira agora está com 81 anos e vive com o filho em sua propriedade de oito hectares, terra que recebeu por meio de herança de seus pais. Ela, juntamente com o filho, cria vacas e ovelhas que “põe por cabeça” nos campos dos vizinhos, pagando uma mensalidade por esse serviço. Geralmente seu filho dorme na fazenda onde trabalha, sendo que Jacira mostra-se corajosa, passando noites e dias sozinha na propriedade. A família que mora mais próximo fica a uma distância de aproximadamente 1,5 km da sua casa.

Jacira teve uma vida de muitas lutas e experiências inusitadas, como o gosto por sair à noite para caçar tatu. Essa trajetória a tornou essa senhora que ainda hoje está em movimento ainda bem atuante nos afazeres da casa e campeiros também. Diariamente ela anda cerca de três horas pelo campo para trazer suas ovelhas de volta pra casa, pra proteger contra os ladrões. Ela fala que está muito difícil de ser pecuarista familiar. No último ano, “o governo tirou o direito dos pequenos pecuaristas ganharem vacinas gratuitas para seus rebanhos. Agora tudo é comprado” reclama Jacira com razão.

Jacira nasceu e cresceu na pecuária familiar, acompanhou o marido por algumas fazendas, precisou morar e trabalhar alguns anos na cidade para oportunizar estudo aos/às filhos/as. Entretanto, assim que pode voltou à pecuária familiar, o seu lugar, onde nasceu e onde escolheu viver.

4.1.2 Vanderlea Moura

Imagem 02 – Apresentação de Vanderlea. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Vanderlea tem 49 anos. Ela nasceu e se criou na região dos Cerros Verdes, campanha, Santana do Livramento. Fruto de um namoro entre adolescentes, nunca conheceu o pai biológico e sua mãe também não fez muita questão de contar a ela quem era seu pai porque ele foi embora antes dela nascer. Sua tia vivia contando a história sobre o seu nascimento, que ela nasceu em cima de um pelego. Esse fato é lembrado até hoje.

Ela passou parte de sua infância na cidade onde morava em uma casa comprada pelo avô com sua mãe, tia e primos. Retornou para a campanha com cinco anos de idade junto com sua mãe e quatro irmãos acompanhando-a sempre em cada lugar que ela ia. Morou em campanha até seus nove anos de idade. Sua mãe sempre trabalhou como cozinheira em estâncias.

Vanderlea nunca estudou em escola rural, e sempre teve o desejo de estudar. Em maio de 1981 foi morar na cidade com a cunhada de sua mãe onde esteve durante 15 anos até concluir o 1º e 2º grau.

Ela sempre manteve contato com o rural, devido a sua mãe trabalhar e morar na campanha. Sempre que podia voltava ao convívio com sua mãe, padrasto e seus irmãos. Seu objetivo de vida era um dia ter sua própria propriedade rural. Esse desejo era relacionado à historia de vida de sua mãe, que trabalhava nas estancias e quando se acostumava com o lugar, era demitida e tinha que começar tudo de novo. Sempre foi sua meta voltar a morar na campanha, mas não gostaria de ser empregada e sim trabalhar por conta e para o sustendo da família, no que é seu. Há aproximadamente quinze anos esse sonho se tornou real.

A propriedade da família foi adquirida por meio do Banco da Terra, e possui 18 hectares, sendo que arrendam mais 20 hectares. Vanderleia e o marido optaram por implantar o modelo de pastoreio *voisin* no campo nativo, que segundo ela, proporciona melhor aproveitamento do campo e maior produtividade.

Em 1994 casou-se e continuaram a morar na cidade onde trabalhou por dois anos e meio como secretaria em um escritório. Após esse período engravidou da sua primeira filha e saiu do trabalho optando por ficar em casa enquanto seu marido trabalhava em uma loja de entregador em uma kombi. Quando surgiu a oportunidade de retornar a morar em campanha a filha mais velha já estava com quatro anos e a menor com três anos de idade.

Quando a oportunidade surgiu, ela e o marido não deixaram escapar. Entretanto, para esse sonho se tornar realidade a família teve que enfrentar um tempo de dificuldades onde passaram quatro anos sem luz elétrica e cinco anos sem água encanada. Apesar disso, Vanderlea, seu marido, duas filhas e um filho se mantêm até hoje felizes pela conquista de ter seu próprio pedaço de terra.

Conforme ela, seu marido sempre foi bom companheiro, cumprindo com as obrigações não só como pai. Ele participa juntamente com as filhas e o filho nas tarefas de casa. Vanderlea faz questão de ensinar e envolver as filhas e o filho nas atividades da casa.

Vanderlea tinha o sonho de cursar uma universidade. Sempre deixou isso claro para o marido. Na época que surgiu a oportunidade estavam passando por um momento difícil, pois a mãe de Vanderlea estava doente e

recentemente tinha retornado do hospital para casa, pois segundo os médicos já não havia mais nada a ser feito. Seu marido fez sua inscrição no Enem e sempre a incentivou, perguntando se ela ia estudar e trazia jornais e livros para ela ler. Vanderlea diz ter feito o Enem, mas nunca conferiu o resultado, pois pensou não ter passado no Enem, pois estava em depressão pela perda da mãe, mas o marido não a deixou desanimar.

Quando iniciou o Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial na UERGS, mesmo morando na campanha, não desistiu e seguiu em frente. Quando podia, o marido a levava e buscava na saída das aulas. Quando não podia, ela pegava carona com vizinhos, até que adquiriu uma moto para ela ficar mais independente e poder ir para a UERGS sozinha. Quatro anos depois, ela alcançou seu objetivo, a formatura. Nessa oportunidade, recebeu o prêmio de estudante destaque da turma.

Ela gosta de lidar na terra. Adora trocar o gado de potreiro. Tanto ela como o filho ou as filhas faz todos os serviços de campo. Ela conta que sempre tiveram cercado com plantação de abóbora, milho, batata doce, etc. Nas horas vagas, ela faz crochê, também aprendeu a fazer tecelagem e pinturas. Desenvolve essas atividades na beira da lareira, especialmente nos dias frios.

Vanderlea já nasceu vinculada à pecuária, pois sua mãe era cozinheira de estância e ela já nasceu sobre um pelego. Ela tem amor pela pecuária e está realizada por alcançar seu projeto de vida, retornar ao campo como pecuarista familiar, ter sua própria propriedade, alcançando o sonho que sua mãe não conseguiu concretizar.

4.1.3 Carmem Eloísa Carvalho Reppetto

Imagem 03 – Apresentação da Carmen Eloísa. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Carmem Eloísa tem 59 anos. Ela nasceu na cidade, mas desde pequena se criou no campo, na Localidade Florentina, onde permanece até hoje. Lembra muito da sua infância quando costumava brincar com sementinhas de pasto, plantas e latinhas de massa de tomate, onde fazia comidinhas. Suas bonecas eram feitas de sabugo de milho, sendo que atava nas pontas fiapos de pelegos, era bem criativa. Aos nove anos de idade ganhou sua primeira boneca comprada da madrinha. Ela lembra até hoje o dia, o mesmo em que seu pai se suicidou. Ela disse ter ganhado porque sua madrinha estava com pena dela, então decidiu presenteá-la com uma linda boneca vestida de baiana com um turbante na cabeça.

Um momento muito difícil da sua vida foi esse, quando seu pai faleceu. Sua mãe tinha trinta anos e a renda da família vinha do trabalho dele. Sua mãe teve que tomar conta da pequena propriedade, dela e mais uma irmã. Eloísa lembra que sua mãe cultivava um cercado de onde colhia tempero verde, couve, repolho e pimentão. Seu tio levava as verduras para a cidade, vendia e

trazia o dinheiro para que sua mãe pudesse comprar as coisas para alimentá-las, massa e feijão.

Eloísa diz ter conhecido arroz mesmo depois de grande. Em sua infância, ela e sua mãe atravessavam o riacho próximo de onde moram para chegar onde plantavam arroz. Na época de colheita tinha umas trilhadeiras que colocavam o arroz para trilhar e embolsar. Elas iam até lá para juntar o arroz que caía no pasto e ficava no campo. Sua mãe tinha em casa um pilão onde ela colocava o arroz com casca e socava. Nessa época sua mãe criava porcos, com a venda dos leitões ela comprou a primeira vaca e depois de algum tempo começaram a fazer queijos e levar para cidade para vender e comprar alimentos.

Carmem Eloísa casou-se com 21 anos e teve dois filhos. Ela diz que na época o seu marido era um ótimo pai e um bom companheiro. Como todo casal, conta que tiveram brigas bobas, mas se davam muito bem.

Eloísa recorda as memórias do parto do filho mais novo. Ela fala que se perdeu nos dias para o nascimento do bebê e ele acabou nascendo em casa, na campanha, de madrugada e sem ajuda de parteira. Enquanto seu marido saiu para procurar ajuda, o bebê nasceu. Quando ele voltou com sua tia que era parteira, a criança já tinha nascido. Foram então aos vizinhos para conseguir tesoura e linha preta e a mãe foi matar a galinha para fazer uma canja. “O umbigo do meu guri menor não dava pra olhar de tanta linha preta que tinha enrolada, a simpatia era três voltas e meu marido se esqueceu amarrando com a linha preta” (Eloísa).

Quando os meninos estavam com doze e com dez anos, seu marido assassinou um de seus primos e foi preso. Nessa época sua mãe ainda era viva e já aposentada ajudou-a a criá-los. Todos os domingos, durante 4 anos e 8 meses ela ia até o presídio visitá-lo. E o dia que ela soube que ele estaria livre, saiu correndo e pediu carona para um carroceiro que passava para chegar rápido até o presídio e poder contar ao marido que poderiam ir juntos para casa.

Ao chegar lá abriram as portas para ela e ele lhe disse na frente de várias pessoas que lá estavam que ela poderia daquele momento em diante seguir quem ela quisesse, porque ele não a queria mais. Foi uma grande

decepção para ela que retornou para casa e sentiu se envergonhada e frustrada, pois esse tempo todo ela se virou trabalhando para sustentar os filhos e poder levar as coisas que ele pedia enquanto estava no presídio.

Hoje ela afirma que pode dizer que é rica, pois conquistou tudo o que ela sempre quis depois de ter tido uma vida tão precária e sofrida. Aposentada, Eloísa vive na sua propriedade de nove hectares, na casa que se orgulha de mostrar, pois construiu com seu esforço. Ela vive com um filho que trabalha em propriedades da região. Na propriedade, mostra seus bovinos de corte bem mansos, porcos e galinhas gordas. Também faz rapaduras para comercializar na cidade.

Eloísa é uma mulher alegre e realizada, embora tenha um passado muito duro. Vivendo na pequena propriedade, ela buscou várias estratégias para complementar a renda e se manter na pecuária familiar.

4.1.4 Zoilamar Lucas Cezar

Imagem 04 – Apresentação de Zoilamar. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Filha mais nova de um casal com sete filhos, cinco meninos e duas meninas, Zoilamar nasceu de cesariana, por isso na cidade. Assim que teve alta, ela foi morar com seus pais e irmãos no Rincão de Palomas. Conforme ela teve uma infância muito boa, pois tudo virava brinquedo, tudo era divertido. Costumava brincar com pneus, sabugo de milho que enrolava em panos para fazer de boneca. Brincava também com os cachorros, fazendo comidinhas de brinquedo. O pai dela trabalhava de peão e a mãe cuidava mais da casa e dos filhos. Sempre teve uma relação boa com os pais e sempre que podiam brincavam juntos.

Zoila não teve muito estudo quando criança, veio a estudar novamente um tempo atrás na cooperativa agrícola e na igreja, mas não chegou a concluir os estudos, pois essas instituições fechavam pela falta de alunos. Sua juventude foi boa, mas não faziam muitas coisas para aproveitar naquela época porque existiam poucas moças onde ela morava e não tinha com quem aproveitar, até mesmo por ser a mais nova.

Casou-se muito cedo, aos 16 anos de idade e teve sua primeira e única filha 10 anos depois. Nesse espaço de tempo, ela diz ter aproveitado com seu companheiro, já que ainda não tinham filhos, e sempre participou com ele das lidas de campo.

Ela gosta muito de flores. Sua propriedade fica a cerca de vinte quilômetros do centro da cidade, na Florentina. Quando se casaram, moravam um pouco mais afastados da estrada. Sua casa ficava do outro lado do passo que vai para a Florentina. "Era difícil, quando chovia a gente ficava isolado e depois com criança pequena ficaria ainda mais complicado" (Zoila).

Seu marido sempre trabalhou no campo, como peão e a família tem sua própria criação de vacas e ovelhas. No começo, quando casaram, eles tinham vacas leiteiras, com o leite que produziam eles faziam queijos e rapaduras para vender.

Há aproximadamente três anos seu esposo adoeceu. Ele infartou e ficou com problemas no coração, por isso venderam as vacas de leite e agora se dedicam mais à criação de ovelhas. Também tem bovinocultura de corte nos 89 hectares da família. Sua filha agora com vinte e um anos veio para a cidade por questões de trabalho e para estudar, está cursando ciências contábeis.

Segundo o depoimento de Zoila, seu marido nunca participou das tarefas da casa ou cuidados com a filha. Esse papel sempre foi dela, pois ele chegava do campo e queria descansar e ela tinha de correr atrás da lenha para acender o fogo e cozinhar. Já estava a roupa limpa, a toalha no banheiro e os chinelos prontos para quando ele saísse do banho e seu mate também já estava pronto. Apesar disso, ela conta que sempre tiveram um bom relacionamento, "Ele sempre foi um bom pai e marido, nunca deixou faltar nada para casa" (Zoila). Percebemos na fala dela a vinculação da imagem de homem com o provedor da casa, embora ela sempre tenha trabalhado lado a lado com ele.

4.1.5 Clarisse Rodrigues Cardoso

Imagem 05 – Apresentação de Clarisse. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Clarisse tem 35 anos, é filha de pecuaristas familiares, sendo a menor de três irmãos. Ela é a única menina, sempre acompanhou o seu pai e os irmãos na lida do campo. “Eu não lembro mas o pai dizia que quando eu tinha dois anos eu já vinha pra campanha com ele e a mãe ficava lá na cidade porque os guris estudavam” (Clarisse). Recorda que aos cinco anos, o pai já a mandava ir na frente juntando o gado pra levar para a mangueira, para vacinar, curar ou banhar.

Aprendeu com eles a laçar, derrubar e fazer todo procedimento necessário para dominar o animal. Quando chegou a idade de estudar, foi também para a cidade, e voltava sempre nos finais de semana. “Sempre tive esse vínculo, nunca me afastei do campo” (Clarisse).

De sua infância no campo, lembra-se das brincadeiras que faziam no arroio, das vezes que jogavam futebol e praticavam tiro de laço juntamente com os seus irmãos e primos.

> Nossas brincadeiras eram no campo. A gente não parava em casa, esperava a mãe e o pai sestiar e saía pro campo. A gente apertava os arreios dos cavalos nas virilhas pra genetear dentro da lagoa. Pealava as galinhas da mãe. A gente vivia no campo. Agora com celular mudou tudo, eu digo pro meu guri: “Vocês parecem uns porcos guachos, só na volta das casas” (Clarisse).

Seus irmãos trabalhavam com o pai na propriedade, e com o falecimento de seu irmão mais velho aos 18 anos, ela então decidiu largar os estudos para vir ajudar seus pais nas lidas do campo. Cursou ensino fundamental em Livramento. Depois, no ensino médio, estudou durante um ano em Alegrete, onde cursava Técnico em Agropecuária.

Clarisse é casada há treze anos e tem um filho de onze. Sobre isso, ela comenta: “Eu não penso mais em ter filhos. Eu sempre quis ter um guri pra estar com a gente na lida e ajudar. Agora já tenho. Ele já está grande, é parceiro, já participa de rodeio e pega junto pra fazer as lidas do campo” (Clarisse).

Quando o filho completou seis anos, ela voltou para a cidade para ele estudar durante três anos até que conseguiu transferi-lo para a escola do Passo dos Guedes. Atualmente o menino viaja cerca de 40 km todos os dias para frequentar a escola que está localizada no Passo do Guedes

> O microônibus vem buscar ele lá no corredor todos os dias. Ele sai daqui de casa 10:30 e pega o micro lá pelas 11. Depois volta as 18:30. A gente espera ele no corredor. Essa semana tem entrega de notas. Um de nós vai ter que ir lá buscar o boletim dele. Se não vou, o Tiago vai (Clarisse).

Segundo ela, seu marido participa das tarefas domésticas, tais como cozinhar, limpar e lavar suas próprias roupas. Como lazer, eles vão os finais de semana aos rodeios onde ela tem se destacado como a única mulher que compete no tiro de laço na categoria “homem do campo”. Clarisse já trabalhou um tempo como peão de fazenda próximo a sua casa. Ela resolveu deixar o trabalho externo para se dedicar à propriedade da família.

Clarisse foi a mulher que mais dificuldades deu para entrevistar, pois sempre estava trabalhando no campo. Parte da entrevista precisou ser feita enquanto entrevistada e entrevistadora cavalgavam no campo. Desde pequena ela desenvolve as tarefas de manejo do gado, o que gosta de fazer. Assim

como Vanderlea, ela divide de forma justa os trabalhos com o companheiro, inclusive os do âmbito doméstico.

4.2 TRABALHOS DE MULHER NA PECUÁRIA FAMILIAR

Trazer a conhecimento as histórias de vida e os trabalhos realizados por estas mulheres é apenas uma amostragem do que as mulheres pecuaristas familiares fazem e superam seus limites de força e perseverança. A história delas se resume em trabalho, pois desde cedo aprenderam a desempenhar as lidas tanto da casa como do campo. Todas elas, ainda na sua infância já representavam força de trabalho na propriedade, como relatou Jacira, que desde os nove anos já desempenhava o papel de cuidar de sua irmã mais nova e preparar a comida.

Eloísa desde os nove anos, quando perdeu seu pai, começou a ajudar sua mãe no cultivo no cercado de onde vendiam verduras e usavam o dinheiro para comprar outros alimentos. Sua mãe criava porcos e galinha, vendiam ovos e também os animais, até que com a venda de alguns porcos compraram sua primeira vaca leiteira. Com o leite faziam queijo, o soro era usado pra alimentar os porcos. A maioria das entrevistadas começou cedo a trabalhar, começando pelos afazeres domésticos. Esses trabalhos da casa e do entorno da casa acompanham as mulheres até hoje, assim como as atividades do campo.

Imagem 06 – Jacira cozinhando. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Somente Clarisse iniciou pelo manejo do gado. Aos dois anos Clarisse conta que já ia pra campanha só com seu pai. Desde essa idade já monta a cavalo. Clarisse, desde bem pequena aprendeu as lidas do campo, quando seu irmão mais velho faleceu, ela tinha aproximadamente 12 anos, e vendo q seu outro irmão não estava colaborando com a família para o manejo e cuidado com a criação de gado de corte e ovelhas, Clarisse largou os estudos e desde os 16 anos se dedica ao trabalho no campo.

Imagem 07 – Clarisse trabalhando no campo com o trator. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Por ser a filha mais nova e passar a maior parte do tempo em casa com a mãe, Zoilamar sempre acompanhou e participou com a mãe das tarefas domésticas. Seu pai vendeu um pedaço do campo e emprestava dinheiro a juros para os vizinhos. A principal renda da família vinha daí e também da criação e venda de gado e ovelhas. Zoilamar casou com dezesseis anos e então começou a trabalhar com seu marido nas atividades campeiras. No começo, eles tinham vacas leiteiras, com o leite faziam queijo e rapaduras pra vender.

Ela conta que durante muitos anos sua rotina de trabalho começava por volta de quatro horas da manhã, quando começaram os preparativos e a ordenha. Ordenhavam a mão todas as manhas cerca de vinte vacas. Há aproximadamente três anos seu esposo adoeceu e então venderam as vacas, ainda criam gado de corte e também se dedicam à criação de ovelhas.

Um ano atrás, na época da primeira visita para entrevistar Zoila, sua filha ainda morava na propriedade. A filha de Zoila gostava muito de trabalhar com

as coisas do campo. Depois de sua mãe ver uma situação que aconteceu com a filha onde o cavalo rodou e ela poderia ter se machucado, então Zoila a incentivou a sair do campo e vir trabalhar na cidade em um supermercado. Ela dizia à filha que não queria que ela trabalhasse como a mãe. Assim, mesmo gostando de trabalhar com o gado e da vida no campo, a filha seguiu os conselhos da mãe e mudou-se para a cidade. Assim, Zoila reproduz o senso comum de que as atividades de manejo do gado não são adequadas para mulheres, são perigosas e buscou afastar sua filha da pecuária familiar, mesmo fazendo essas atividades.

Imagem 08 – Zoila campereando com a filha. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Eloísa exerceu várias atividades ao longo da vida para complementar a renda da propriedade, que é pequena para garantir a manutenção da família apenas a partir da pecuária familiar. Ela trabalhou um tempo como merendeira na escola agrícola que fica no campo de cooperação da prefeitura, quase em frente a sua casa. Quando saiu, passou a se dedicar a criação de gado de corte e porcos, também duas vezes por semana vinha para cidade onde fazia

faxinas. Nessa época seus filhos já criados foram embora em busca de trabalho. Eloísa ficou sozinha por mais de dez anos depois do falecimento de sua mãe, realizando essas faxinas na cidade e criando galinha para vender, também vendia ovos e criava porcos pra vender na cidade. Atualmente, um dos seus filhos está de volta e mora com ela. Juntos eles compraram ovelhas, como eles trabalham fora, ela tem feito toda a parte de alimentar, curar e reparar os bovinos e também o rebanho de ovelhas.

Imagem 09 – Eloísa complementando a alimentação do gado. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Apesar de Vanderlea ter vindo morar na cidade quando ainda era criança, sempre acompanhou e quando possível participou com sua mãe das tarefas da casa e algumas coisas de campo enquanto sua mãe trabalhava como cozinheira na campanha. Segundo ela, algumas vezes sua mãe trabalhava não apenas como cozinheira, mas também auxiliava seu marido nas lidas do campo. Os primeiros trabalhos de Vanderlea foram realizados na cidade como secretária, até que teve a oportunidade de ter seu próprio campo,

nestes últimos quinze anos tem se dedicado junto com seu marido às atividades do campo e da casa para se manterem na pecuária familiar. Atualmente criam bovinos e ovelhas e trabalham com a compra e venda de gado. Mas já tiveram leitaria onde tinham aproximadamente 20 vacas em lactação, vendiam o leite, produziam queijos e doces para o consumo próprio e para comercialização. Devido ao manejo do gado no sistema de pastoreio racional *voisin*, o gado da família é muito manso, nos seguindo durante a entrevista no campo.

Imagem 10 – A relação de Vanderlea com os animais a campo. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Depois que casou Clarisse foi com seu marido trabalhar em estâncias, teve por alguns anos sua carteira assinada como peão campeiro, e até hoje segundo ela ainda às vezes faz xangas para seu ex-patrão (prestação de serviço esporádica). Quando seu antigo patrão assinou sua carteira, perguntou se queria que colocasse sua função como cozinheira ao que ela respondeu que não, era peão de campo. Essa situação mostra como é difícil a aceitação do

trabalho desenvolvido pelas mulheres na pecuária de corte e a tendência à invisibilização.

Há um ano e meio seu pai faleceu, e ela então voltou pra casa pra cuidar do rebanho seu e de sua mãe. Atualmente, Clarisse está de responsável pela propriedade da família de 60 hectares e também pelo bem-estar e segurança de sua mãe.

Seu marido continua trabalhando fora e agora tudo na casa é com ela.

> Agora que o pai faleceu eu voltei pra casa pra não deixar a mãe sozinha e também porque tem as vacas aqui, as dela e as minhas. Não dá pra eu trabalhar fora de peão e ter que pagar pra alguém vir cuidar das nossas criações. Às vezes ainda dou uma mão lá na estância e quando preciso ele vem de lá e me dão uma mão aqui também (Clarisse).

Clarisse também desenvolve os trabalhos ao redor da casa, como cuidar dos porcos que são criados soltos.

Imagem 11 – Clarisse dando água para os porcos. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Quando cheguei à casa da entrevistada Jacira, não a encontrei, pois, estava no campo, uma de seus cordeiros havia se perdido de sua mãe. Como diariamente ela caminha cerca de 3 horas por dia para trazer o rebanho que se espalha pelo campo, aos 81 anos ela planeja sua próxima aquisição, um petiço que seria fundamental para ela fazer esse serviço com mais rapidez: “Outro dia peguei a égua velha que estava aqui na beira da casa e fui com ela buscar as ovelhas, bem mais prático” (Jacira).

Imagem 12 – Jacira conduzindo as ovelhas no campo. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Nesse mesmo dia me propus de fazer essa mesma lida a cavalo, não é uma tarefa muito fácil, e no dia seguinte a pé, a caminhada leva em média três horas. E mesmo nos dias de frio e chuva ela percorre essa mesma distância. Ela minimiza: “não é todos dias, às vezes teu irmão consegue vir do trabalho dele e faz isso”.

Outro trabalho realizado pelas mulheres, e principalmente por elas é o trabalho doméstico, todas elas com exceção de Clarisse afirmaram que o

serviço da casa na maioria das vezes é feito por elas. No caso de Clarisse, segundo ela sua mãe ficou responsável por essa parte, e em troca ela cuida do gado e dos bichos de sua mãe e dos serviços a serem feitos na propriedade.

O cuidado com a casa é uma rotina diária que, para algumas mulheres, somente em caso de doença é realizado por outros membros da família. Segundo Eloisa, seus filhos sabem cozinhar e cozinham até melhor que ela, ela sempre contou com a participação deles, ensinou a fazer. Jacira por cozinhar desde pequena afirma que uma das coisas que mais gosta de fazer das lidas domésticas é cozinhar. Adoro cozinhar, e não gosto de pátio sujo e cama desarrumada. Assim que levanta de manhã, ela faz fogo no fogão à lenha, enquanto aquece a agua ela dá milho para as galinhas e, com sua vassoura feita de carqueja, varre o pátio, especialmente onde dormem as galinhas. “Esse adubo levo pra minha horta” afirma Jacira. Só depois disso, ela vem pra cozinha tomar chimarrão e ouvir as notícias no rádio.

Imagem 13 – Jacira alimentando o cachorro e as galinhas no pátio. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Vanderlea conta com a colaboração de todos da família para fazer as tarefas da casa. O marido participa junto com o filho e as filhas. “Eu faço as coisas da casa, mas se eu tiver que sair pro campo, fecho a porta e deixo que alguém faça ou faço na volta. As coisas da casa não me prendem, gosto mesmo de fazer as lidas de fora” diz Vanderlea. Esse gosto pelo trabalho a campo é explicado da seguinte forma por Langbecker (2016, p.158):

> A relação das mulheres com a pecuária reflete o sentimento de bem-estar pessoal em estabelecer contatos com os animais, repletos de significados. A pecuária é vista como um espaço de liberdade, diversão, distração, de desprender-se das atividades domésticas e cotidianas, do silêncio que cerca o “serviço” de casa. A evocação do silêncio remete à subordinação e à obediência que a mulher deve ao sistema hierarquizado de sexo e gênero. Assim, a pecuária representa um momento de fuga e um sentimento de superação em estar desenvolvendo uma atividade masculina.

Zoila faz sozinha as tarefas da casa, quando pode a filha dá uma mão. O marido não faz nada, “Ele chega em casa já tem o chinelo e as roupas limpas e toalha no banheiro. Depois do banho o mate já está pronto e a comida no fogo” (ZOILA). Vemos que embora em alguns casos exista uma distribuição mais justa do trabalho doméstico entre homens e mulheres, ele ainda costuma ser percebido como coisa de mulher.

4.3 OS SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES

As entrevistadas tem em comum uma vasta experiência nas lidas de campo. Esse saber empírico não lhes foi apresentado por outro modo a não ser pela convivência com os mais antigos, sendo repassados de geração em geração no âmbito da família. Essas mulheres são guardiãs de saberes tradicionais como uso de plantas medicinais, benzimentos e simpatias. Conforme Mazurana et al (2016), o uso e o cultivo de plantas medicinais são comuns na pecuária familiar, geralmente sendo atribuídos às mulheres: “No espaço de cultivo de alimentos também há plantas medicinais como arnica, guaco, e malva, em geral cultivado pelas mulheres para cuidar da saúde da família” (MAZURANA et al, 2016, p. 86).

Nessa mesma fonte, temos mais informações sobre o caráter feminino da utilização de plantas medicinais na pecuária familiar:

> Normalmente há um espaço da casa, reservado para guardar as ervas e chá e também compressas e pomadas caseiras feitas com ervas para serem usados quando alguém da casa se machuca ou fica doente. Esse armazenamento e cuidado são elaborados e fazem parte dos conhecimentos e mais uma responsabilidade das mulheres. É conhecimento repassado pelas pessoas mais antigas para as mais novas, de todas as idades, pois vivenciam a medicina tradicional no seu cotidiano (MAZURANA et al, 2016, p. 89).

Zoila conta que gosta muito dos jujos e acredita em benzeduras e remédios naturais. Ela costuma recorrer aos jujos e benzimentos, em primeiro momento quando alguém em sua casa está doente. Zoila sabe benzer para dor de barriga e empache (intestino preso). Ela conta que benzia sua filha quando pequena para aliviar as dores de barriga muito comuns em bebês, também lhe dava chá de funcho de forma complementar.

O Chimarrão é um costume comum na pecuária familiar. As mulheres costumam colocar jujos (plantas medicinais) na água quente ou na cuia. Jacira, por exemplo, costuma por erva de passarinho na água quente do chimarrão. Ela sempre tem em casa ervas que costuma colher na sexta-feira santa, pois acredita que assim estarão mais ativos os componentes e terão melhor eficácia. Jacira dá algumas recomendações no uso dos jujos: as folhas da laranjeira são ótimas para fazer limpeza em machucados. Como anti-inflamatório é bom usar arnica ou malva. Para dor de dente, pode-se colocar nas bochechas chá de malva. Para má digestão, pode-se usar palma crespa, boldo, carqueja e chá de pessegueiro, sendo que neste último ela confia mais. Alguns jujos são cultivados próximo às casas, geralmente em cercados. Outros são colhidos no campo nativo. Jacira mostra o local onde costuma buscar jujo.

Imagem 13 – Local onde Jacira costuma buscar a erva de passarinho. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Jacira também usa fazer benzeduras. Ela benze para cobreiro, para dor de dente com brasa, benze contra rendido. Ela costura um pequeno pedaço de pano enquanto faz a reza, e pergunta “que cozo?” Enquanto quem recebe a reza fala: “Nervo rendido, carne quebrada”. Conforme ela, um raminho verde antes do cair do sol pode ser usado para benzimento contra cobreiro. Tem uma reza que Jacira faz quando entra algo no olho, ela usa a flor Santa Luzia, e faz a reza para a santa de mesmo nome. Quando o tempo se arma pra tormenta, ela faz também uma reza com machado e dentro de casa põe uma tesoura aberta no canto da mesa virada para o lado da tormenta. “Essa sempre funciona”, ela afirma.

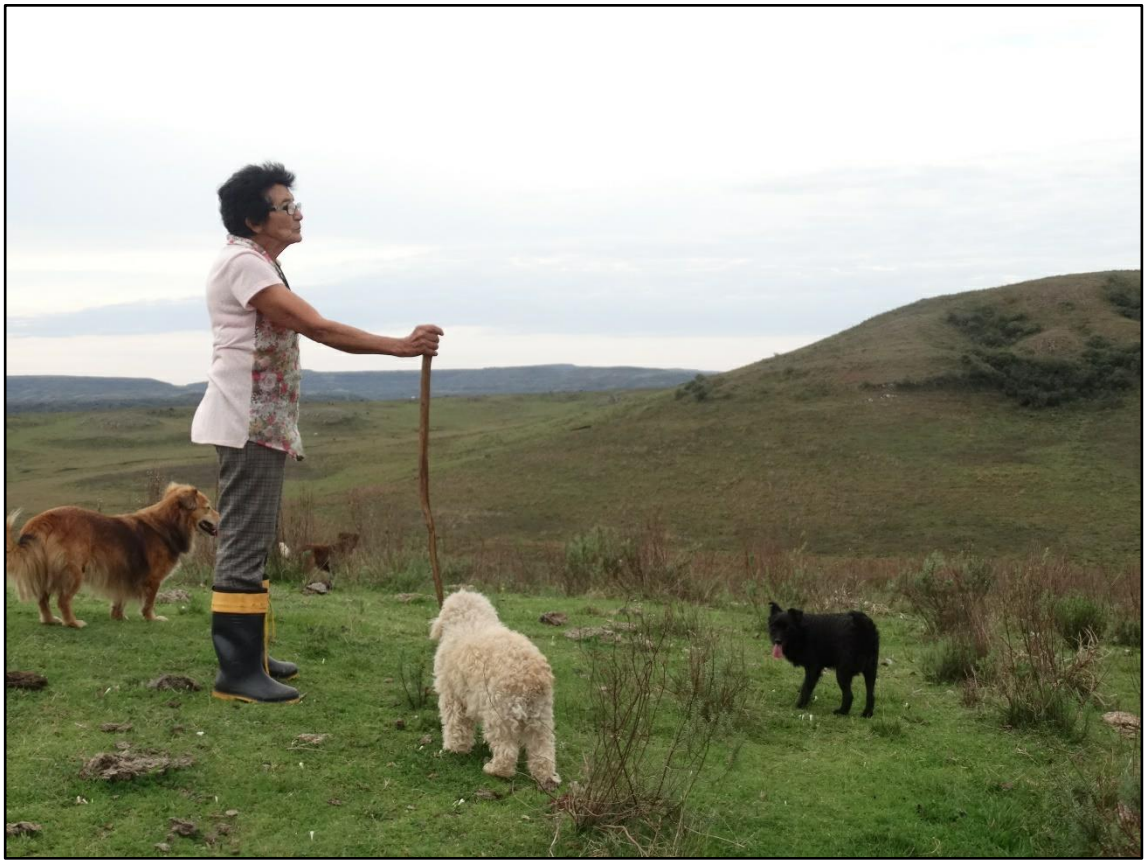

Imagem 14 – Jacira, guardiã de saberes tradicionais, admirando a natureza. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Com benzimento, Jacira já salvou cachorro de mordida de cobra cruzeira. Nesses casos, além de benzer, ela faz uma simpatia: “Eu aqueço um arame e furo a orelha do cachorro, diz que saindo sangue sai o veneno junto. Já salvei um cachorro assim”, conta Jacira. Em certa ocasião Jacira conta que se benzeu e se curou de um cobreiro (ferimento causado por algum inseto ou mordida de aranha). O mesmo também aconteceu com Eloisa. Elas entendem que foram curadas porque tiveram fé.

Eloísa aprendeu a benzer com sua tia avó. Ela benze contra cobreiro, dor de barriga, sapinho, dor de cabeça. A mesma também relatou a experiência que teve quando foi chamada por sua vizinha para curar seu cavalo que tinha sido mordido por uma cruzeira: “A vizinha ligou e disse: ‘Elô, salva meu cavalo que foi mordido por uma cruzeira’”. Eu disse: ‘Posso tentar, me fala o pêlo do cavalo’ (porque a gente tem que saber qual é o pelo do cavalo).

Quando perguntada se poderia ensinar a reza, ela disse que sim porque tem que ensinar se tiver três pessoas juntas, senão não poderia.

> Eu disse: Eslau vezlau venseslau, três vezes e o cavalo foi curado. Meus vizinhos quando tem dor de cabeça, dor de dente vem aqui e eu benzo também. Se Deus me deu esse dom para ajudar os outros, eu uso para isso (Eloísa).

Eloísa também utiliza simpatias em sua criação. Ela conta que aprendeu uma simpatia contra tristeza do gado. Ensinaram a ela que deveria cortar um pedaço do chifre do animal doente, caso não tivesse chifre, dar um corte na orelha.

A entrevistada Vanderleia também acredita em benzimentos. Ela afirma que aprecia muito a natureza, pois além de trazer paz e tranquilidade, tem vários jujos que ela costuma colher em suas caminhadas no campo que são naturais e trazem vários benefícios para a saúde. Como jujos que ela utiliza citou carqueja para ajudar na digestão, erva cidreira como calmante, arnica para ser usado em ferimentos como anti-inflamatório. Ela também usa a erva quebra pedra, e outros que encontra em abundancia na sua propriedade.

Imagem 14 – Vanderlea mostrando um pé de arnica no campo nativo. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

A relação de proximidade com a natureza retratada na fala de Vanderlea é caraterística na pecuária familiar. As mulheres entrevistadas preservam o campo nativo e o utilizam como base para a pecuária, para a saúde e para o seu modo de vida, de forma geral.

Imagem 15 – A riqueza do campo nativo na propriedade de Vanderlea. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Clarisse diverge das demais mulheres em relação aos saberes tradicionais. Talvez pelo fato de ser a mais jovem entre as entrevistadas, ela não sabe fazer rezas. Clarisse conta que apenas uma vez ela fez uma simpatia que seu pai lhe ensinou. Como não deu certo, nunca mais usou fazer. No tratamento do gado, ela usa somente o modo convencional, com medicamentos comprados em agropecuárias.

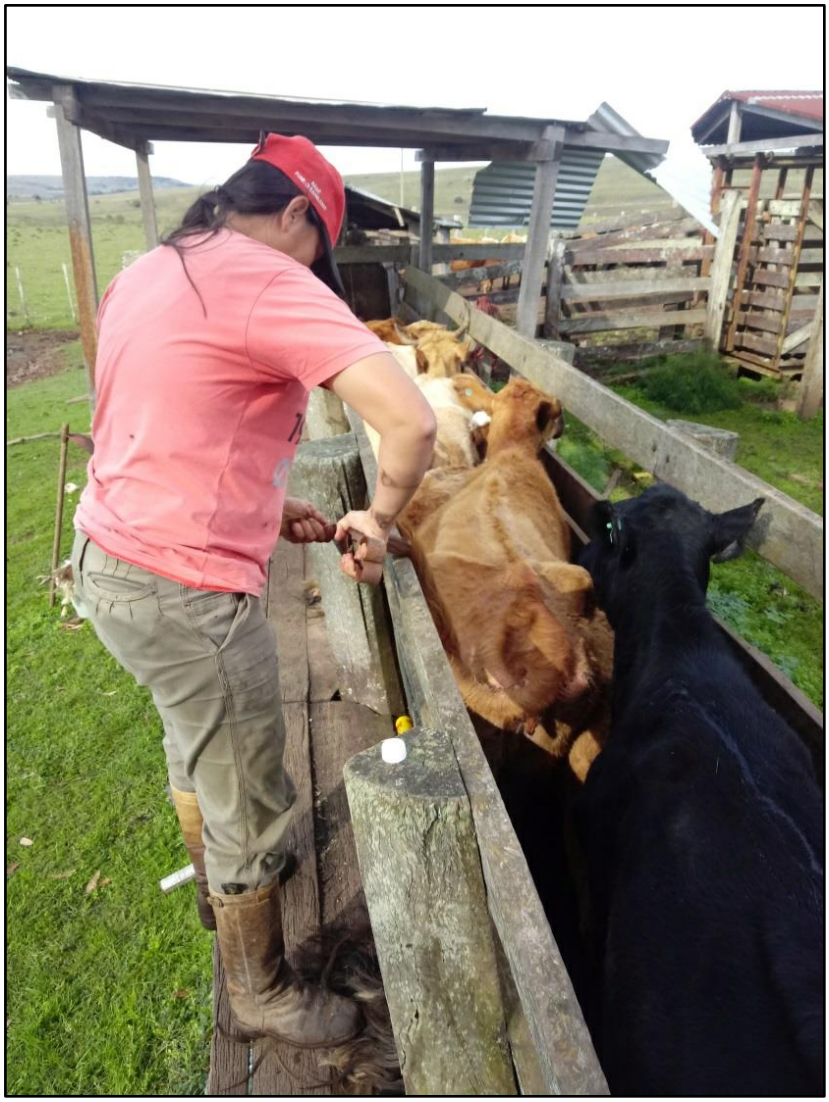

Imagem 16 – Clarisse vacinando o gado. Fonte: Elenice Fagundes. Trabalho de campo, 2019.

Para a sua saúde e a da família, ela costuma recorrer aos medicamentos indicados por médicos. Eventualmente toma algum chá para dor de estômago ou para ajudar na digestão. Observa-se então que ela é a única que não acredita muito nas plantas medicinais, benzimentos e simpatias. Essa é uma tendência nas novas gerações. É preocupante pensar que a ciência e a tecnologia têm estado cada vez mais presentes em nosso dia a dia, enquanto os saberes tradicionais são esquecidos. Na pecuária familiar isso não é diferente. Na maioria das vezes doenças e pragas que antigamente eram combatidas de maneiras simples e baratas através de simpatias, rezas e ervas hoje em dia já parecem ter perdido o efeito. O saber das pessoas mais antigas tem sido posto de lado. Podemos perceber melhor essa realidade conhecendo os/as moradores/as que ainda resistem a esse modernismo e se utilizam dos

saberes que foram deixados por seus pais, especialmente as mulheres que moram na campanha e que detém esses saberes.

Ao analisarmos o modo de vida e os saberes adquiridos por estas mulheres ao longo de suas trajetórias e devido às muitas experiências que tiveram, percebemos que esses saberes foram passados por sua mãe, avó ou tia, especialmente o conhecimento das ervas rezas e simpatias. Esses saberes repassados através das gerações têm sua origem desde a pré-história, segundo Lovatto (2018), quando a mulher passou a observar a natureza e compreender sua relação com a espécie humana. Já na transição entre Idade Média e Moderna, o “conhecimento paralelo”, como era conhecido o saber os ciclos da natureza, reprodução humana e os poderes curativos de plantas foram retirados, as detentoras de estes saberes, que eram denominadas “bruxas”, foram submetidas à morte ou segregação pelo poder dominante da época (LOVATTO, 2018). Esta condição de percepção, crença e até mesmo dependência do fator natureza e sua importância podemos notar durante seus relatos, o respeito que tem pelo bem que a natureza lhes faz e tudo que lhes proporciona. Vemos nestas mulheres o sentimento de gratidão por estarem e fazer parte desta natureza. Sentem-se gratas também por, através de seus saberes, poderem ajudar outras pessoas e oferecer cuidado e alivio as suas dores.

Este saber tão presente no dia a dia destas mulheres pecuaristas familiares é algo que vai além do conceito de conhecimento, pois, conforme Toledo, Barrera-Bassols (2008) conhecimento se adquire com capacitação e profissionalização e é aplicado de maneira indireta e impessoal, já o saber que elas possuem adquiriram por meio de experiências pessoais cotidianas, suas formas de viver e observar todo o contexto em sua volta. É o saber fazer de maneira simples que talvez elas não saibam como explicar a não ser por ter fé acreditando e funcionando como assim desejam. Podemos citar como exemplo o caso dos jujos, que Jacira colheu na sexta-feira santa (sexta-feira que antecede a Páscoa e que marca a morte de Cristo para os cristãos). Ela poderia ter colhido outro dia, mas segundo a cultura e tradição local, neste dia as propriedades medicinais e curativas estão mais ativas.

Para Toledo, Barrera-Bassols (2008) os saberes locais são sistemas de conhecimentos holísticos, acumulativos, dinâmicos e abertos, baseados em experiências comuns e locais que se repetem com o passar entre as gerações, podendo estar em constantes adaptações com as mudanças a níveis tecnológicos e socioeconômicos. Por isso, vemos a importância de buscar conhecer através destas que mantiveram esses saberes através do tempo, e que poderá ou não ser repassado para as próximas gerações, como podemos perceber que a entrevistada com menos idade afirma que não costuma recorrer a métodos caseiros para cura de enfermos ou mesmo simpatias para os animais da propriedade, optando pelos métodos químicos e convencionais para esses fins.

É importante salientar que ambos, conhecimento cientifico e saber empírico, podem contribuir para o bem-estar de um indivíduo ou comunidade, porém devemos lembrar que nenhum pode se sobrepor ao outro. É papel fundamental do/a pesquisador/a, detentor/a do saber técnico ouvir e procurar entender as razões e o contexto cultural e social de uma comunidade e seus saberes (TOLEDO, BARRERA-BASSOLS, 2008).

Além do trabalho realizado por mulheres na pecuária familiar, os saberes que elas trazem consigo e aplicam ao desempenhar seus labores na propriedade, são vitais para fazer essa ligação do campo, criações e família, os três pilares que sustentam a pecuária familiar. Entendemos que este fator deve ser também reconhecido juntamente com a identidade de mulher pecuarista familiar, saberes esses que ao longo do tempo podem ter se perdido muito e o pouco que resta desta sabedoria pode estar ameaçado ou descontinuado devido à migração das mulheres do campo e o desinteresse por aplicar estes saberes, como podemos notar na fala de uma entrevistada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral dessa pesquisa foi mostrar as trajetórias de vida e de luta das mulheres na pecuária familiar. Entendemos que conseguimos alcançá-lo através das histórias, imagens e memórias de cinco mulheres pecuaristas familiares de Santana do Livramento, Jacira, Clarisse, Vanderlea, Carmen Eloísa e Zoilamar. Em comum, elas têm o gosto pela vida no campo, pela pecuária e a resiliência para continuar diante das dificuldades.

A partir dos resultados da pesquisa, podemos afirmar que trabalho de mulher na pecuária familiar é fazer fogo, camperear, cuidar dos/as filhos/as, preparar o chimarrão, manejar os bovinos, fazer comida, vacinar, cuidar dos porcos, galinhas e outros animais ao redor da casa, pastorear as ovelhas, limpar a casa, curar bicheira, carnear, cortar lenha, varrer o terreiro, curar animais e pessoas, plantar alimentos e plantas medicinais no cercado, entre outros. Assim, as mulheres exercem trabalhos no campo, na casa e ao redor dela. Por vezes, lançam mão de atividades não agrícolas para complementar a renda, como preparar e vender rapaduras e fazer faxinas na cidade. Por vezes, exercem também atividades agropecuárias fora da propriedade como diaristas no manejo do gado em propriedades vizinhas.

Assim, essas mulheres exercem atividades no âmbito considerado produtivo e no âmbito considerado reprodutivo quando há ou não homens na propriedade. O verbo que resume bem a grande diversidade de trabalhos realizados por elas é cuidar, cuidam da casa, das pessoas, dos animais, etc. Considerando que o cuidado é percebido como feminino, e é central na pecuária familiar, não seria o trabalho na pecuária familiar então feminino?

Entendemos que invisibilizar as mulheres e seus trabalhos, e pintar a pecuária familiar como masculina, quando também não é invisibilizada, é uma estratégia bem pensada para manter as relações de poder historicamente construídas na Pampa Brasileira. Nesse caso, estamos falando da dominação masculina e da dominação do latifúndio sobre o campesinato.

As mulheres na pecuária familiar também costumam ser guardiãs de saberes tradicionais relacionados ao reconhecimento, cultivo e uso de plantas medicinais, utilização de benzimentos e simpatias para o cuidado das pessoas

e dos animais. Nesse ponto, as mulheres se distanciam do que é legitimado pelo conhecimento científico e se aproximam ainda mais da natureza. Entretanto, a postura de receio da entrevistada mais jovem em relação a esses saberes mostra que eles estão se perdendo ao longo das gerações.

Os desafios enfrentados por estas mulheres são muitos, mas, segundo seus relatos, o principal fator que dificulta seu trabalho no campo é a desvalorização da categoria pecuarista, que é uma categoria bastante presente na fronteira Brasil-Uruguai há muitos anos. Esta categoria tem sido ameaçada devido ao agronegócio e seus monocultivos de soja que estão se instalando no município. Essas e tantas outras mulheres pecuaristas familiares vivem no meio rural por amor a família, ao campo, aos animais e se sentem bem pela sua relação com a natureza.

A firmeza que tem ao se identificarem como pecuaristas familiares, as histórias de lutas, experiências que passaram e ainda hoje enfrentam no dia a dia, são sem dúvidas fatores que me motivaram a buscar saber mais sobre a trajetória de vida e as lutas de cada uma.

A importância deste trabalho é apresentar este mundo pouco conhecido e quase nada assistido por políticas públicas ou planos de governo que forneçam melhor assessoramento e suporte para facilitar a vida dessas mulheres, tendo em vista poucos trabalhos relacionados a este tema. Em relação à própria pecuária familiar e à sociedade em geral, essas mulheres também precisam ser vistas e mais valorizadas.

Como temos visto em nosso município, muitos/as pecuaristas tem arrendado suas terras ou vendido para grandes produtores de soja ou outros monocultivos, pois seu trabalho não é valorizado, os preços oferecidos pela venda de gado têm sido cada vez mais baixos, sofrem também com o abigeato e ultimamente seus rebanhos tem sido atacados por javalis, A vida no campo como pecuarista familiar não é nada fácil e cada dia tem sido menos fácil, é uma rotina bastante exaustiva, não apenas ao homem do campo, mas também para as mulheres. Apesar disso, todas as entrevistadas afirmam que não deixariam de viver na campanha por morar na cidade, ali é o seu lugar.

A principal contribuição dessa pesquisa foi desconstruir a pecuária familiar como categoria masculina. A partir dos relatos de vida, de trabalho e de

luta das mulheres nessa categoria social, mostramos que elas não podem ser invisibilizadas, pois são “sujeitas” importantes na construção da pecuária familiar no território. O futuro da pecuária familiar na Pampa Brasileira passa certamente pela luta contra a desigualdade de gênero nessa categoria.

Certamente temos tanto a aprender com estas guerreiras que vivem de forma anônima e muitas vezes passam despercebidas pelo poder público e pela sociedade. O mundo acadêmico pode ser esse elo para que essas mulheres pecuaristas familiares possam ser reconhecidas. Para isso, mais estudos precisam ser desenvolvidos sobre o tema, para que possamos aprender com as experiências e os saberes que perduram através do tempo, os quais essas mulheres são detentoras.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2002.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, p.205-227, jan-abr. 2004.

CASTRO, A. C. B. **Herança e sustentabilidade social na pecuária familiar em Sant'ana do Livramento**. Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial na UERGS. Sant'Ana do Livramento: UERGS, 2016.

CASTRO, A. C. B. **Sucessão e masculinidade na pecuária familiar**: um olhar a partir dos "novos pecuaristas familiares". Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Desenvolvimento Territorial e Agroecologia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Sant'Ana do Livramento: UERGS, 2018.

COSTA, C. Solteirice e relações de gênero na pecuária familiar: além do gado de osso e da boneca de pano. In: COSTA, C.; MARIN, J. O. B. **Gênero e campesinato no sul do Brasil**: dominação masculina e transformação. Curitiba: Ed. CRV, 2018, p. 17-36.

COSTA, C., CAMARGO, K. C., NARVAZ, M. G. Violência de gênero no rural. In: COSTA, C.; MARIN, J. O. B. **Gênero e campesinato no sul do Brasil**: dominação masculina e transformação. Curitiba: Ed. CRV, 2018, p. 63-98.

COSTA, C.; MARIN, J. O. B. **Gênero e campesinato no sul do Brasil**: dominação masculina e transformação. Curitiba: Ed. CRV, 2018

LANGBECKER, T. B. Trabalho e gênero: mulheres na atividade pecuária familiar no município de Encruzilhada do Sul/RS. **Dissertação** submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural. PoA: UFRGS, 2016.

LOVATTO, P. B. As mulheres na construção do conhecimento agroecológico: o princípio feminino como caminho do meio. In: COSTA, C.; MARIN, J. O. B. **Gênero e campesinato no sul do Brasil**: dominação masculina e transformação. Curitiba: Ed. CRV, 2018, p. 123-158.

MAZURANA, J. et al. **Povos e comunidades tradicionais do Pampa**. Porto Alegre: FLD, 2016

MOURA, M. M. **Camponeses**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

NESKE, M. Z. Mercantilização, heterogeneidade social e autonomia na produção familiar: uma análise da pecuária familiar do Sul do RS. In: WAQUIL, P. D. et al. (Org.) **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul**: histórias, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento. PoA: Ed. da UFRGS, 2016, p. 131-148.

PAULILO, M. I. S. **Mulheres rurais**: quatro décadas de diálogo. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

PAULILO, M. I. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 229, 2004.

RIBEIRO, C. M. Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da região da campanha do Rio Grande do Sul. 2009. 304 f. **Tese** (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SAFFIOTTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHAAF, A.V.D. **Jeito de mulher rural**: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul. Passo Fundo: UPF, 2001.

SOUSA SANTO, B. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia da emergência. **Rev. Crítica de Ciências Sociais**, 63, Out. 2002, p. 237-280.

TEDESCHI, L. A. “Meu nome é ‘ajuda’: a vida cotidiana e as relações de poder, gênero e trabalho das mulheres trabalhadoras rurais na região Noroeste do Rio Grande do Sul”. **Contexto e Educação**, v. 19, n. 71/72, p. 45-64, jan./dez. 2004.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **La memoria biocultural**: la importância ecológica de las sabidurías tradicionales. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.

7 APÊNDICES

7.1 APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTÕES

INFÂNCIA
Sobre seu nascimento, o que sabe?
O que se lembra de sua infância?
Como era a relação com os pais?
Estudou até que série? Por que parou de estudar?

JUVENTUDE
O que fazia para se divertir?
Como era a relação com a família?
Como era a condição de renda da família e sua participação?

CASAMENTO
Como foi a trajetória de vida no casamento? O marido participava das tarefas da casa, cuidava das crianças?
Sofreu algum tipo de violência?
Sobre a renda da família?
Você trabalhava? Como era sua participação na tomada de decisões?
Filhos? Quantos? Eles participavam ou participam das tarefas da casa?

TRABALHO
Que trabalho realiza na propriedade, o que mais gosta e o que menos gosta de fazer?
Fale sua relação com a natureza, sobre morar no rural.

SABERES TRADICIONAIS
Crenças, jujos, simpatias, benzimentos (pessoas /animais)

OUTROS
O que mais gostaria de falar sobre sua vida...
Quais as principais dificuldades que passou e venceu?
Seu trabalho é reconhecido pelo marido e filhos?
Já se sentiu prejudicada ou sofreu preconceito por ser mulher e trabalhar com pecuária?

7.2 APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Estudo: Mulheres na pecuária familiar: força para as lidas de campo, coragem para as lutas da vida
Pesquisador responsável: Elenice Fagundes Carvalho
Instituição: UERGS Santana do Livramento
Objetivo da pesquisa: Essa pesquisa pretende mostrar as trajetórias de vida e de luta das mulheres na pecuária familiar.
Telefone para contato: (055) 996860995

Prezada Senhora:
Você está sendo convidada a responder ás perguntas desta entrevista de forma totalmente voluntaria. Antes de concordar em participar desta pesquisa é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento:
Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá na concessão desta entrevista respondendo às perguntas formuladas. A entrevista será gravada, caso seja autorizada a gravação.
Sigilo. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelo pesquisador responsável. Seus nomes e fotos serão utilizados na monografia.
Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santana do Livramento,_____ de_____de 2019

_____
Assinatura

_____
Pesquisador responsável
Se você tiver alguma consideração ou duvida, entre em contato: UERGS Santana do Livramento, Rivadávia Corrêa 825. Telefone (55) 3244 1440.